

Fazendas de vida marinha

Categories : [Reportagens](#)

foto: www.phuketnews.phuketindex.com

Recifes artificiais são 40% mais ricos em biodiversidade

Levar objetos ao fundo do mar para atrair peixes, crustáceos e outras formas de vida marinha é prática antiga da humanidade. Os primeiros registros dessa técnica remontam aos anos 1.500, pelas mãos de havaianos, filipinos e japoneses. Com o fim da segunda grande guerra, aquela tecnologia secular de pesca caiu no gosto de pesquisadores que tentavam entender a colonização de espaços e a evolução de seres vivos debaixo d'água. Daí até o desenvolvimento dos recifes artificiais, foi questão de tempo. Hoje, eles são usados [principalmente no Japão, Estados Unidos e países banhados pelo Mediterrâneo](#).

Os japoneses jogam enormes blocos de concretos em sua costa rochosa para aumentar a oferta de peixes e modificar correntes marinhas, beneficiando fazendas de mariscos com mais nutrientes. A terra do sol nascente tem mais de 500 projetos de grande porte. Os norteamericanos usam recifes artificiais para pesca esportiva e turismo. Uma lei aprovada pelo Congresso de lá permite às empresas de petróleo transformar velhas plataformas em parques marinhos. Antes, eram explodidas. A economia do setor chega a US\$ 30 milhões, em parte aplicados na gestão das novas áreas protegidas.

Espanha, Grécia, Itália e outras nações mediterrâneas têm uma preocupação comum: preservar os [bancos de posidonia, uma das poucas formas de vida daquele mar de águas cristalinas](#). Com folhas, caules e raízes, essa vegetação é morada de inúmeras espécies, como um manguezal submerso. Um prato cheio para a pesca de arrasto. A saída encontrada pelos governos daqueles países foi distribuir recifes artificiais pela costa, formando barreiras às redes comerciais. As estruturas também são usadas para maricultura.

O problema não é desconhecido dos brasileiros, especialmente dos que vivem na Região Sul, onde frotas de navios de arrasto dizimam a vida marinha aproveitando a falta de fiscalização.

Experiências nacionais

Na costa brasileira há sete bancos com recifes artificiais, em áreas como o norte fluminense e no nordeste, onde até pneus velhos são usados. A mais nova empreitada ganha espaço sob as águas do litoral paranaense.

A partir de outubro, pelo menos seis mil recifes artificiais e 500 pesados dispositivos anti-arrasto,

serão afundadas em regiões definidas em parceria com os pescadores. As estruturas protegerão a vida marinha da pesca predatória, principal causa da redução no número de espécies no mar, e prometem aumentar a oferta de peixes e outras espécies procuradas pelo mercado.

“A biodiversidade fornece recursos para a pesca artesanal e comercial, mas essa está se transformando em um garimpo de commodities e prejudicando cerca de cinco mil pescadores tradicionais só nas regiões de Matinhos, Pontal do Paraná, Guaratuba, Guaraqueçaba e Paranaguá”, disse [Frederico Brandini, do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo e colunista de O Eco](#). Ele também coordena o projeto para instalação dos recifes artificiais, que começou a ser pensado há dez anos, sob o guarda-chuva do Centro de Estudos do Mar da Universidade Federal do Paraná.

Além da impor problemas e pesar no bolso da pesca comercial indiscriminada, os recifes artificiais ajudarão a repovoar porções do mar paranaense, apostam os especialistas. Conforme Brandini, um dos primeiros resultados da técnica é servir de abrigo a grande quantidade de filhotes de peixes, nascidos de larvas presas às estruturas de concreto.

“A diversidade de espécies em recifes artificiais é até 40% maior do que em seus pares naturais. Navios afundados no Mar Vermelho abrigam até espécies já extintas em ambientes naturais”, comentou.

Outra possibilidade da tecnologia é reduzir a pressão sobre recifes naturais. Os norte-americanos conseguiram desviar metade do turismo para navios afundados. “Mergulhadores preferem navios e outras estruturas porque são mais complexas que as formações naturais”, avaliou Brandini. “Considero os recifes artificiais uma das mais interessantes e poderosas tecnologias para que os setores pesqueiro, turístico e de conservação dialoguem”.

O afundamento de recifes artificiais na costa paranaense custará cerca de quatro milhões de reais, bancados em sua maioria pelo governo estadual e Petrobras.

Saiba mais

[Regras para recifes artificiais](#)

[Mar sem lei](#)

[Bom até debaixo d'água](#)

[O "senhor das pedras" - um gigante ameaçado](#)